

## LUGAR DE MEMÓRIAS: CINE VAZ LOBO E A ALMA SUBURBANA

MARIA CELESTE FERREIRA

Folheando as páginas dos quadrinhos de Will Eisner, na introdução de - O Edifício – o leitor tem a oportunidade, através da ficção, desviar os olhos para a própria realidade, sendo sensível para ouvir e sentir de forma clara, a necessidade da História, da sua reflexão sobre o cotidiano, sobre a condição humana de agente e paciente das transformações urbanas.

*“Após muitos anos vivendo numa cidade grande, desenvolvemos gradualmente a sensação de assombro - é tanta coisa que acontece lá sem explicação, como que por mágica.*

*Enquanto eu crescia em meio à turbulência da vida urbana, bastava apenas um sentido superficial de alerta para lidar com o rebuliço de transformações e experiências que passavam correndo por nós. Havia pouco tempo para refletir a respeito da rápida substituição das pessoas e dos prédios. Eu dava estas coisas como certas.*

*Conforme envelheci e acumulei recordações, passei a sentir com maior intensidade o desaparecimento de pessoas e edifícios. Eu sentia que, de alguma maneira eles tinham um tipo de alma. Agora sei que estas estruturas, incrustadas de riso e manchadas de lágrimas, são mais do que edificações sem vida. Não é possível que, tendo feito parte da vida, eles não absorvam de alguma forma a radiação proveniente da interação humana. E imagino o que resta quando um edifício é demolido.” (EISNER, 2009: 159-160)*

O trabalho a seguir apresenta um esforço de contextualização sobre o Cine Vaz Lobo, cujo endereço é a Avenida Vicente de Carvalho nº 4, no bairro do mesmo nome, localizado no município do Rio de Janeiro na área suburbana da cidade; buscando entender o que pode representar este símbolo arquitetônico e cultural dos anos 40 do

século xx, para o subúrbio carioca, da importância das memórias vividas localmente e das ações relacionadas a dinâmica urbana e suburbana.

O Cinema de Vaz Lobo ocupa uma área denominada de subúrbio do Rio de Janeiro. O bairro de Vaz Lobo, faz limite ligando-se aos bairros de Irajá, Vicente de Carvalho, Rocha Miranda, Turiagu, Cavalcante e Madureira. A história da ocupação territorial da área em questão, remonta as primeiras divisões de terras do período colonial, sendo o bairro Irajá o mais antigo dos apresentados, pois guarda o nome da antiga Freguesia de Irajá, fundada em 1644 como conta o autor do livro; *“Histórias das Ruas do Rio”* de Brasil Gerson. Podemos em Irajá, localizar a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, como a mais antiga edificação dentro destes espaços limítrofes ao bairro do Cine Vaz Lobo, esta igreja, mesmo adulterada por reformas, guarda boa parte de seu estilo barroco-jesuítico feita de alvenaria, de pedra e cal, está mantido em seu frontispício de pedra a data de 1613. Este destaque se faz necessário para contextualizar o bairro Vaz Lobo, em mais uma das divisões da antiga Freguesia do Irajá, hoje fragmentada administrativamente em vários bairros. Observamos que a concepção da área, ainda que de aspecto rural, descrita por Ferreira da Rosa em 1905, já mostrava lentamente sinais de crescimento com construções, e adensamento populacional na condição periférica da cidade do RJ:

*“Irajá- ... é contígua a Inhaúma, e mais ao norte, entre a E.F.C.B, o Estado do Rio e a baía do Rio de Janeiro onde tem porto. A planície de Irajá compreende 169 Km<sup>2</sup> e é apenas acidentada por morros isolados cujas altitudes variam de 33 a 111 metros. As estradas de ferro Central do Brasil, Rio do Ouro e Leopoldina percorrem Irajá em grande extensão. A lavoura de Irajá é importante, abastecendo os mercados da Capital da República. Fertilizam suas terras algumas correntes que desaguam na baía Guanabara: rios Meriti, Pavuna, Irajá e Sarapuú. Tem muito comércio miudo, fixo e ambulante; olarias caieiras, outras pequenas indústrias fabris, e alguns pastos onde rezes animam a paisagem completando a tonalidade bucólica. A construção de*

*prédio nas ruas que se vão alinhando não pára, e há vivendas bem confortáveis e pitorescas.”( PREFEITURA RJ, 1975-1979: 69)*

O crescimento desta região suburbana do Rio de Janeiro deve-se em grande parte as ferrovias mencionadas acima, mas é necessário lembrar que especificamente o bairro de Vaz Lobo é tributário das vias terrestres, antigos caminhos que se tornaram ruas largas, dinamizando o comércio e o fluxo dos transeuntes. O termo “subúrbio carioca” merece longa reflexão, mas neste momento, a intenção é situar o subúrbio não apartado da cidade, porém com especificidades que são frutos durante o crescimento e mudanças ao longo da história, onde as ferrovias desempenham papel estrutural. Vaz Lobo se localiza entre Irajá (um núcleo antigo de povoamento), e Madureira( ponto de trocas e comércio) , começava a funcionar neste trajeto bairro à bairro, os bondes puxados à tração animal: “ ...em 1903 é constituída a empresa Linha Circular Suburbana de Tramways para a exploração da linha de bonde de burro entre Madureira e Irajá.” ( Martins: 2009, 43) , quando a troca dos animais se fazia necessária, na altura de Vaz Lobo é que se substituíam os animais, os bondes elétricos somente chegaram a circular em 1928, pela concessão dada a empresa Cia Light. Relembrando que Vaz lobo fica entre os dois bairros citados, beneficiando-se dos novos serviços de transportes, aliados a luz elétrica que já modificariam a face da região. O Largo de Vaz Lobo comporta o entroncamento de três vias principais( Av. Ministro Edgar Romero - antiga Marechal Rangel, Av. Monsenhor Félix e Av. Vicente Carvalho) permitindo a valorização da terra, com criação de novos loteamentos, fortalecimento do comércio, promovendo o crescimento econômico e social. O grande crescimento da cidade e seus subúrbios no período 1930-1950, bem como o papel das indústrias estão destacados no livro de 1987, por Maurício de Almeida Abreu: A Evolução Urbana do Rio de Janeiro, mostrando a necessidade de ampliar pesquisas e estudos das representações locais:

*“...o processo de crescimento demográfico e industrial dos subúrbios apresentou, a partir de 1930 , uma intensificação notável.Há entretanto que se caracterizar melhor esta área da cidade, que não deve ser vista como se fosse, àquela época, um todo homogêneo.” (ABREU,2008:99).*

Neste ambiente, suburbano heterogêneo, no bairro de Vaz Lobo, composto desde os loteamentos de antigas fazendas; do comércio crescente de padarias, lojas de parafusos, sapatarias; ponto de manobras de bondes, em 1930 elétricos; pequenas indústrias; além de colégios privados e públicos, compõem o ambiente para a construção planejada de um cinema, símbolo de avanço tecnológico para a época.

O imigrante português Antônio Mendes Monteiro como empreendedor compra, em 1939, um terreno de esquina na Av. Vicente de Carvalho e a Rua Oliveira Figueiredo, para nele construir um cinema com capacidade de 1.800 lugares. Hoje tal fato é impensável, pelo fim dos cinemas de ruas, nas décadas de 70 e 80 do século xx. Construído em um terreno triangular, a obra do cinema foi feita pela empresa Mattos e Mattos Construtora, que se mantém em funcionamento até hoje, com sede na cidade de Niterói, deixando documentado através dos projetos o seu mérito para a época, o de ter construído o maior vão livre do subúrbio, pois para cobrir a sala de projeção foi erguida uma laje em grandes dimensões, formando um imenso vão livre no interior do Cine:

*“A construção do Cine Vaz Lobo foi de responsabilidade técnica do Arquiteto e Construtor Augusto Rodrigues de Mattos, cuja atuação profissional era mais voltada para construções na zona sul da cidade e deu origem a uma construtora, hoje sediada em Niterói e administrada por seus herdeiros com o nome de Mattos & Mattos.*

*A obra durou cerca de dois anos, sendo a sala inaugurada em 1941, como uma das maiores da cidade na época e também como representação clara da passagem do bairro para a modernidade. Segundo o Sr. Mendes, a execução do projeto foi cercada por muitas críticas em relação à segurança da edificação, devido ao grande vão livre da platéia e às escolhas relativas à estrutura e materiais.”(COSTA, 2009:11).*

A construção do prédio envolvia também dois andares residenciais com quatro apartamentos, tendo em sua lateral para a Av. Vicente Carvalho lojas comerciais, onde hoje estão uma casa comercial de produtos religiosos – Casa Ubiratan - uma lanchonete - Café Cine - e na outra lateral do lado oposto, deste 1954, quando é construída a

Igreja Católica Cristo Rei, podemos observar diferentes práticas sociais de indivíduos e grupos em volta dessa pequena área, também chamada de Largo de Vaz Lobo, compondo assim um conjunto singular pela variedade de práticas cotidianas e hábitos culturais.

O Cine Vaz Lobo, a partir de sua inauguração em 5 de janeiro de 1941, com a presença da primeira-dama Darcy Vargas, marca o início de um longo período de funcionamento. Foi símbolo de sucesso, marcando gerações como espaço lúdico de exibições das imagens cinematográficas. Derivado da modernização no pós 30, em sua telas passariam filmes estrangeiros (sobretudo E.U.A) e nacionais. A aproximação com a cultura americana é marcante junto com o aumento da urbanização e do consumo, sendo também notória a concentração de produtoras cinematográficas no Rio de Janeiro, após a fundação de dois estúdios de cinema, organizados industrialmente: a Cinédia de Ademar Gonzaga e a Brasil-Vita de filmes da portuguesa Carmem Santos, ambas de 1930:

*“...produziram quantidade considerável de musicais com temas de carnaval, entremeados com comédias leves e alguns dramas românticos ... A produção do resto do país ressentia-se da falta de cadeias exibidoras, e as poucas existentes se voltavam para o Rio de Janeiro e para a importação de filmes”(PRADO,1980:265 )*

Nas décadas de 40, 50 e 60 do séc.xx, o cinema Vaz Lobo mostrou o seu apogeu, sendo forte concorrente de outros antigos cinemas de rua.Vale a pena destacar que o Cine Vaz Lobo provavelmente marca um estilo de construção, feito especificamente para ser cinema, pois os cinemas mais antigos tinham como características, construções mais simples, tipo galpão, não possuíam um projeto voltado para este fim como o Cine Beija-flor, o Cine Alfa, ambos em Madureira.

O Cine Irajá, do mesmo dono, construído pouco depois, em 1941, também de forma planejada, marcou com a originalidade de sua fachada antropomórfica, diferenciando-se na fachada dos cinemas de rua de regiões urbanas e suburbana do RJ, sendo hoje sede de um templo religioso, embora menor formava uma dobradinha dos empreendimentos do Sr. Mendes, como ficou na época conhecido o proprietário do

Cine Vaz Lobo, que também administrou o cine Alfa. Cinema era então um destacado ramo de negócio:

*“Antônio Mendes Monteiro, proprietário da Cine Alpha Ltda., também circunscreveu seus investimentos básicos a uma região específica, o lado direito da estação de Madureira e seus arredores. Tendo destronado o Méier, a antiga ‘capital dos subúrbios’, em população flutuante e atividade comercial, o florescente bairro ganhou salas à altura do seu desenvolvimento econômico. Em 1929 surgiu o Alfa (1.200 lugares), pioneiro da cadeia. Passaram-se quase 10 anos até que o circuito fosse deslanchado, em 1938, com o Coliseu (3.000 assentos). Maior cinema do subúrbio até a inauguração do Imperator (3.300 poltronas) em 1954, a sala tinha fachada pesada e imponente, como que confirmando esta condição. Pouco depois vieram o Vaz Lobo (1.800 lugares), em 1940, e o Irajá (1.000 cadeiras), no ano seguinte. A cadeia foi transferida posteriormente para Celso do Vale Silva, que começara em meados da década de 30 arrendando o antigo Colombo, reinaugurado como Cinema Estácio de Sá, perdurando por mais de 50 anos.” (Gonzaga, 1989:186).*

O fluxo de construções de cinemas de rua no subúrbio carioca foi intenso nesta fase do século xx durante as décadas de 30-50, e a ligação com o modo de vida suburbana é relatado em Palácios e Poeira - 100 anos de cinema no Rio de Janeiro de Alice Gonzaga, sobre um possível aumento de exibições da indústria cinematográfica nos subúrbios em 100% neste período, levando em conta regiões desde a Central do Brasil, Leopoldina, Méier, Madureira – Irajá mostrando “ a estreita dependência que se formou entre a população suburbana e o espetáculo cinematográfico. Quando essa parte do circuito começasse a desaparecer, seriam comuns as queixas sobre a falta de diversões na área”. (Gonzaga: 1989, 185). Neste livro o Cine Vaz Lobo é destacado por estar no grupo dos “palácios”, embora posterior e menor que o Coliseu. O Sr. Mendes manteve o Cine Vaz Lobo como sua propriedade repassando os outros da rede.

As áreas limítrofes à Vaz Lobo possuem o mesmo destino: Coliseu, em Madureira ( hoje loja comercial) , Irajá( templo da IURD), o São Pedro na Penha, Monte Castelo em Cascadura, Guaraci em Rocha Miranda, bem como o Cine Vaz Lobo, fechados. Todos, estão extintos ou transformados, demonstrando as mudanças no fluxo e nas dinâmicas sociais das cidades modernas e suas relações com as áreas suburbanas, acentuando as perdas nas opções de lazer . Novas reconfigurações do espaço público e privado foram sentidas pela população local. O Cine na década de 80 do séc.xx , já estaria completamente desativado, e nas próximas décadas a cortina vermelha e a porta deste cinema se fecham, as experiências culturais passam para o terreno da memória, mas as lembranças persistem na voz e no olhar dos que percebem o Cine como elemento formador do Largo de Vaz Lobo e ícone de uma época, visualizando o seu nome no painel principal, grafado em cimento, sem possibilidade de esquecimento.

Fechado há quase uma década e meia, ocupando esta área suburbana com aspectos sociais de exclusão, de esquecimento, o Cine “reabre” novo debate por causa das novas propostas da Prefeitura do RJ, de aberturas de vias expressas que destruiriam o edifício em questão . Na iminência da ameaça de demolição, que quase se concretizou, um grupo de antigos frequentadores do cinema começaram a aglutinar-se em torno da idéia de preservação do Cine enquanto “monumento”, pois algumas modificações espaciais projetadas para a área em volta do Cine Vaz Lobo, já saíam em notícias de jornais. A principal ameaça era a construção da Corredor Transcarioca, pelo poder público municipal, abreviada pelo código de (Corredor Perimetral ) T5. O planejamento inicial era ligar a futura rodoviária da Penha, passando pelos bairros de Vicente Carvalho(Metrô), Vaz Lobo, Madureira, Campinho, Jacarepaguá chegando a Barra da Tijuca propondo, à princípio, a passagem desta via bem em cima da atual edificação do cinema, não contando de imediato, com o seu valor possível de patrimônio histórico local. Hoje, já avaliados pelo IPHAN, é um dos poucos ícones que guarda a presença do estilo Art Decó tardio, e envolve ao seu lado, um conjunto de imóveis de outros estilos, como o neoclássico.

Um pequeno grupo de amigos e conhecidos do bairro, especificamente três pessoas que frequentaram o Cine e hoje estão na faixa dos 60-70 anos – Srs: Gilson Gusmão, Northon M. de Oliveira e Ronaldo L. Martins, começam a se organizar pela

permanência do objeto-monumento que evoca suas memórias, reforçando uma já existente “comunidade afetiva”( HALBWACH: 1990, 34) como espaço de relação. O espaço de experiências compartilhadas em que as lembranças se reorganizam, através do reconhecimento e da (re)construção do vivido, insere a memória individual na perspectiva coletiva; permitindo um suporte para ações concretas. Articulam-se em ações sociais espontâneas, visando a preservação do bem material e cultural. A ação mais efetiva, para a conservação da existência do que sobrou do cinema se dá por intermédio de um estudo de formação acadêmica na área da Arquitetura, pela jovem Fernanda de Oliveira Nascimento Costa, formanda da UFF em 2010, e residente próximo ao Cinema. Apresentou em sua monografia o desenho em forma de projeto, de um novo traçado para um pequeno trecho da rodovia que compõem o Corredor T5, de forma que a curva anteriormente planejada, se torne mais aberta, facilitando o tipo de transporte almejado, um estilo de ônibus articulado, desviando a rodovia do prédio em questão. Com aceitação do projeto pela Prefeitura do RJ, poupa o Cine da demolição e a primeira porta se abre para a permanência do Cinema Vaz Lobo em seu lugar de origem e aglutina interesses e disputas pela permanência do cinema como lugar de memória. Este pequeno grupo foi ampliado e reagrupados um “Movimento: Cine Vaz Lobo” destacando-se os elementos de preservação, cultura e memória. Este primeiro passo aglutinou memórias coletivas e ações que se encaminham a uma proposta de consciência e participação social.

“Os lugares de memória”, foram analisados pelo historiador Pierre Nora, como espaços específicos onde se solidifica a memória já alcançada pela História, onde irradia evocações de memórias coletivas ou individuais, mas que precisamente em nossa sociedade atual carece de referenciais para que a memória possa ser vivida. Explicita a relação memória e esquecimento, pois precisamos lembrar o que já foi, o que em certa medida já acabou. As sociedades ocidentais contemporâneas mostram um aumento do tema relacionado à memória este excesso de memórias, de processos de rememorar, mostra uma preocupação tal, que sinaliza para uma sociedade do esquecimento.

O Cine Vaz Lobo está fechado há quase uma década e meia, ocupando uma área suburbana com aspectos sociais de exclusão, de esquecimento. Esta dinâmica, esquecer e lembrar, também se aplica a antiga função do cinema, em certa medida intrínseca a 7ª arte, e também se relaciona a sua possível historicidade. Memória

fluída, nunca neutra tem objetivo declarado ao ser exposta no site criado, sobre o Cine Vaz Lobo:

*“O grande salão que lentamente escurecia; as grandes cortinas vermelhas que se abria após soar o terceiro gongo; nas brancas sancas laterais, dando as paredes exuberantes matizes de cores, os jogos de luzes a piscar se alternavam em verde, vermelho e amarelo. Na conhecida: UCB – Atualidades Atlântida. Depois, na tela e nas cadeiras, emoções, estórias, vitórias e derrotas, pois ir ao cinema era então muito mais que assistir ao grande lançamento de Hollywood. Era ver e ser parte de uma época.”(Martins, site Cine Vaz Lobo: 2010).*

A especificidade do bairro de Vaz Lobo se fez também com a presença do cinema de rua, na proximidade com outras referências culturais, os dois colégios particulares – Colégio Cristo Rei/antigo Manuel Machado hoje demolido, o Colégio Republicano até hoje com forte funcionamento no local e um público – Escola Municipal Irmã Zélia, que juntos propiciavam ao redor do Cine Vaz Lobo grande movimentação, seja no Largo de Vaz Lobo em frente ao Cinema e as lojas do bairro, seja para o funcionamento do Cine, em especial nas décadas de 50 e 60 do séc.xx, formando um público variado sobretudo de jovens e adultos. Em entrevista concedida em dezembro de 2010, o Sr. Ronaldo L. Martins destaca:

*“Para um grupo menos... uma juventude, um adolescente especificamente... não tinha muito, muitos recursos, o cinema na realidade era uma grande alternativa, ou era a **única** alternativa disponível para lazer, então é... Todo mundo tinha uma metodologia de ir ao cinema pelo menos uma vez por semana, era quase sagrado o adolescente ir ao cinema uma vez por semana, ele era capaz de juntar dinheiro prá tudo quanto é canto, para poder ir ao cinema. E evidentemente que você tinha dois aspectos, o cinema de bairro, mais próximo e o cinema mais longe, ele tinha, tinha o fato de precisar de dinheiro para deslocamento, tá... Todos os cinemas eram importantes, justamente o Irajá e o Vaz Lobo, que eram os mais próximos,*

*onde a gente podia ter acesso mais fácil. Esse é o primeiro ponto para poder entender como é que nós víamos o Cine Vaz Lobo. O outra coisa é que ele também servia como ponto de reunião, ponto de encontro dos grupos, por que os grupos viviam ali, todos se reuniam ali...”( Entrevista pessoal - Martins:2010)*

O Jovem também era freqüentador assíduo, estando o Cine Vaz Lobo perto de grandes colégios da época, demonstrando um longa variedade e intensidade de participação social. Planejava-se com antecedência a ida ao cinema, os alunos já combinavam entre si qual filme e sessão; a oportunidade de ver dois filmes por semana, se configurava na distribuição do filme, dividindo o período de exibição no meio da semana, de modo que sábado e domingo passavam filmes diferentes. O cinema ponto de encontro, certamente foi estrutura de convívio e formação de sociabilidades, cujo impacto do fim do Cinema sobre a região não foi ainda estudada convenientemente .

Os cinemas eram propriedades privadas. O Cine Vaz Lobo ao “comerciar” um produto cultural, que seja da indústria de massa, envolvia-se na atuação cultural, veiculava formas de sensibilidades, gostos, ideias, moda, música, comportamentos em grande escala, pois atingia um imenso público de bairro e arredores, um grande número de pessoas vivenciaram momentos que marcaram suas memórias. Relato de D. Maria Paula, moradora de Vicente Carvalho, de que levou seu filho de colo ao Cine Vaz Lobo, participando do lançamento do sabão em pó “RINSO”, como patrocinador do filme “Eram dois Olhos Azuis”, aproximadamente em 1952; indica que o cinema também representava ponto de encontro para diversos fins. O Cine já foi usado no seu interior como espaço para baile de Carnaval, local de apuração de votos pela justiça eleitoral, formaturas do Colégio Manuel Machado(extinto como Cristo Rei), e mesmo após o fim do cinema em si, o espaço foi aberto para celebrações de missas da Igreja Cristo Rei, enquanto o piso da igreja fosse renovado na década de 90. No espaço exterior ao Cine, os relatos informais, dos mais antigos do bairro apontam para a lembrança de uma multidão em comemoração ao final da 2ª Guerra Mundial, lembranças em frente ao Cine de palanques políticos e numerosos carnavais de rua. Este ano foi montado o último coreto de carnaval, pois em breve o local será remodelado pelo poder público. As enumerações acima, indicam a força e a presença

de uma dinâmica intensa de usos, convívios, memórias e histórias. Complexas relações sociais, em diferentes épocas, atestam a afinidade do Cine, “objeto-arquitetônico” e “objeto-portador de sentidos”, permitindo perceber a historicidade do tema e título deste trabalho. A citação a seguir exemplifica a importância do conjunto conceitual: “A historicidade que se constitui da relação entre espaço e tempo é uma das qualidades ou atributos que podem fazer de um objeto arquitetônico um objeto museológico.” (BAHIA, 2010, 258)

O “negócio” e a “alma suburbana” foram deixados para o filho, que enfrentou a decadência dos espaços voltados para o lazer e a reconfiguração de novos tempos para o subúrbio:

***“ Cine Vaz Lobo pode voltar ao estrelato.***

*A história se passa em Vaz Lobo, o ano é 1941, o personagem principal é o imigrante português Antônio Mendes, e o cenário é um cinema construído pelo protagonista como, segundo ele próprio disse no dia da inauguração, ‘um presente para os moradores do bairro’.*

*Cinquenta e cinco depois, a luz do estrelato se apagou só restando o espaço onde figuras ilustres do mundo do cinema e do teatro de revista faziam sucesso. Desativado desde a década de 70, devido à ‘era da televisão’, o cine Vaz Lobo tenta recuperar o brilho da fama através do seu Mendes, filho do criador do espaço. Ele revela que seu grande sonho é reabrir o espaço como um centro cultural...” (A NOTÍCIA, 29/10/1996)*

A esperança em torno do cinema - catalizador de épocas “melhores”, fica patente na fala do herdeiro do Cinema e também morador do bairro - tempos onde o bairro de Vaz Lobo não era uma via expressa de passagem, tempos em que serviços, transportes e vida social/cultural eram gestadas no local de convívio. As ações de sujeitos organizados para a preservação encontraram atualmente promessas de restauração pela prefeitura do RJ com apoio do governo federal, para que o Cine seja preservado.

Concluimos que após essa breve contextualização, sobre a história do cinema, pontuando a necessidade de análise das memórias dos mais velhos e do “edifício”

como símbolo de tempos distantes, de maneiras de ver e sentir a vida urbana, podem e devem ser aprofundadas para revelar, ainda mais, diálogos entre o individual e o coletivo, e as novas dimensões dos usos e apropriações nos espaços destacados. A expressão “alma suburbana” foi inspirada no filme de mesmo nome dos diretores Luiz Claudio Lima, Hugo Labanca, Leonardo Oliveira e Joana D’Arc, 2010, exibido no CCBB-RJ, o qual discute e apresenta aspectos comuns ao subúrbio carioca. Expressão foi usada para enfatizar o Cine Vaz Lobo como catalizador das representações locais da cidade. O Cine como lugar de memórias se materializou(a) nas infinitas possibilidades de estudo da memória social para apreensão do real. No contato com o grupo Cine Vaz Lobo: Preservação, Cultura e Memória foi possível participar e perceber a necessidade de ampliar os registros sobre esse ícone que completou 70 anos, o movimento criou um selo comemorativo, marcando a data e produzindo novas memórias. Sabemos da importância da “comemoração” como ato de “trazer à memória”, neste momento tão propício, a exposição do tema vem afirmar a importância do Cine Vaz Lobo para a construção e representação da vida suburbana carioca.

## BIBLIOGRAFIA

A NOTÍCIA, O Jornal. *Cine Vaz Lobo pode voltar ao estrelato*. Caderno Show & Esporte . 29/10/1996 - pág. 1.

ABREU, Mauricio de Almeida. *A Evolução Urbana no Rio de Janeiro*, RJ, IPP,2008.

AMADO e FERREIRA, Janaína e Marieta de Moraes(Coord.).*Usos e Abusos da história Oral*. 3 ed.RJ.FGV, 2000.

BAHIA, Denise Marques *A arquitetura e a cidade como objeto museológico: espaço, tempo e historicidade* . in: Futuro do Pretérito: Escrita da História e História do Museu. Fortaleza- 2010. p.268

COSTA, Fernanda de Oliveira Nascimento. *Era Uma Vaz: O Resgate de um Subúrbio Esquecido*. Niterói, 2010. 58 f. (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

FRIDMAN, Fânia. *Donos do rio em nome do rei: Uma História fundiária da Cidade do RJ*.Ed.Jorge Zahar: Guaramond.1999.

GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio*. 5ª ed. Editora Lacerda. Rio de Janeiro, 2000.

GONZAGA, Alice. *Palácios e Poeira - 100 anos de cinema no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Editora record/ Funarte.

Halbwach, Maurice. *A Memória Coletiva*. Editora Vértice . SP.1990. p.34.

<HTTPS://sites.google.com/site/cinevazlobo/> última consulta; outubro de 2010.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Bernardo Leitão. Ed. UNICAMP .SP.

MARTINS, Ronaldo Luis. *Mercadão de Madureira: Caminhos do Comércio*. Ed. CEMRJ, Rio de Janeiro, 2009.

PRADO, Décio de Almeida. “*Artes e Espetáculos*”. In \_\_\_\_\_ Coleção Nosso Século. Abril Cultural. SP. 1980.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, ( Governo Marcos Tamoyo). *Rio de janeiro em 1922-1924 - Ferreira da Rosa*. Coleção Memórias do Rio 3. p.69.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO no Plano Estratégico II, de 2004 em [www.rio.gov.br/planoestrategico/](http://www.rio.gov.br/planoestrategico/) (Planos estratégicos regionais – Irajá.).